

Projeto original, de 2010
(REVOGADO - substituído pelo Projeto de 2018)

Instituto de Ciências Humanas

ICH

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Projeto Pedagógico para a criação do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em
Ciências Humanas**

2009

“Homo sum: humani nil a me alienum puto”¹

(Terêncio - 190 - 160 a.c)

“No fundo, há na nossa experiência da terra duas coisas só — o universal e o particular. Descrever o universal é descrever o que é comum a toda a alma humana e a toda a experiência humana — o céu vasto, com o dia e a noite que acontecem dele e nele; o correr dos rios — todos da mesma água sororal e fresca; os mares, montanhas tremulamente extensas, guardando a majestade da altura no segredo da profundidade; os campos, as estações, as casas, as caras, os gestos; o traje e os sorrisos; o amor e as guerras; os deuses, finitos e infinitos; a Noite sem forma, mãe da origem do mundo; o Fado, o monstro intelectual que é tudo... Descrevendo isto, ou qualquer coisa universal como isto, falo com a alma a linguagem primitiva e divina, o idioma adâmico que todos entendem. Mas que linguagem estilhaçada e babélica falaria eu quando descrevesse o Elevador de Santa Justa, a Catedral de Rheims, os calções dos zuavos, a maneira como o português se pronuncia em Trás-os-Montes? Estas coisas são acidentes da superfície; podem sentir-se com o andar mas não com o sentir. O que no Elevador de Santa Justa é o universal é a mecânica facilitando o mundo. O que na Catedral de Rheims é verdade não é a Catedral nem o Rheims, mas a majestade religiosa dos edifícios consagrados ao conhecimento da profundidade da alma humana. O que nos calções dos zuavos é eterno é a ficção colorida dos trajes, linguagem humana, criando uma simplicidade social que é em seu modo uma nova nudez. O que nas pronúncias locais é universal é o timbre caseiro das vozes de gente que vive espontânea, a diversidade dos seres juntos, a sucessão multicolor das maneiras, as diferenças dos povos, e a vasta variedade das nações.

Transeuntes eternos por nós mesmos, não há paisagem se não o que somos. Nada possuímos, porque nem a nós possuímos. Nada temos porque nada somos. Que mãos estenderei para que universo? O universo não é meu: sou eu”.

(Fernando Pessoa – *Livro do Desassossego*)²

¹ “Sou um ser humano, portanto, nada que é humano me é estranho”

² PESSOA, Fernando (s/data). *O Livro do Desassossego*. São Paulo: Brasiliense. pp.289-290.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
INTRODUÇÃO.....	6
1 – AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE FORMAÇÃO... 8	
2- UM BACHARELADO EM CIÊNCIAS HUMANAS NO ICH/UFJF.....	14
2.1- Um Curso Interdisciplinar em Ciências Humanas	14
2.2 - Antecedentes do ICH	15
2.3 - O Plano de Expansão e Reestruturação das Universidades e o ICH.....	17
2.4 – O Plano Político-Pedagógico do Bacharelado em Ciências Humanas	18
A – A formação como centro, as competências como objetivo: uma justificativa	18
B- Objetivos.....	20
C- Da formação proporcionada pelo Bacharelado em Ciências Humanas.....	21
D – Características funcionais do Bacharelado em Ciências Humanas	24
3 – A ESTRUTURA CURRICULAR – ESQUEMA GERAL	34
3.1 – Quadro Geral	34
3.2 - Disciplinas ou vagas ofertadas ao Bacharelado:	35
BIBLIOGRAFIA CITADA.....	40

APRESENTAÇÃO

Este é um projeto construído para a criação de um novo curso no Instituto de Ciências Humanas. Ele vem para ser o veículo com o qual o ICH pretende enfrentar a ampliação de boa parte das suas vagas dentro do Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades. Uma comissão de trabalho foi constituída pelo conselho de unidade do ICH, em abril de 2008 e seus trabalhos foram estendidos até junho de 2009. Durante mais de um ano foram realizadas reuniões, elaborado um anteprojeto para debate, que foi emendado e discutido e encaminhado para as adequadas instâncias formais de deliberação. Além desta comissão ele chegou aos vários departamentos do ICH e já foram, inclusive, realizados concursos públicos para professores cujo mote principal foi a colaboração dos diferentes departamentos a este projeto.

É um projeto cuidadoso e responsável, que inclusive prevê avaliação de seus resultados em dois anos e meio. Não pretende ser definitivo e representa um esforço de construção de um horizonte diferente, sem perder as características que consagraram o ICH.

Participaram da comissão de trabalho os professores Eduardo Salomão Condé (coordenador do projeto), Raul Francisco Magalhães, Juarez Gomes Sofiste, Luciano Camerino, Luciana Bittencourt, Marcelo Carmo Rodrigues, Euler Davi de Siqueira, Fátima Tavares (hoje na UFBA), Valéria Marques Lobo, Silvana Barbosa, Raimunda Célia Torres, Maria Lúcia Menezes. Mais recentemente, Alice Arcuri e Luiz Dreher. O acadêmico Diogo de Carvalho Antunes Filho (indicado pelo conselho de entidades estudantis do ICH; o segundo representante se fez presente na quase totalidade das sessões e, na fundamentação geral do projeto, os técnico administrativos em educação Ezilma de Oliveira Fernandes Lima e Francisco da Silva Rocha Filho acompanharam as discussões. É necessário agradecer o trabalho do bolsista Sávio Damato, com sugestões e revisão de texto, além de uma idéia original para a transição entre o primeiro e o segundo ciclo. À professora Edna Rezende, diretora do IAD, que cedeu o projeto do Bacharelado em Artes para o autor, tendo este inspirado conceito como o de “matérias”. Na oportunidade da vinda do Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia (outubro de 2008) , Prof.Dr. Naomar de Almeida Filho, houve também a oportunidade para com ele discutir as linhas gerais do projeto daquela Universidade e algumas ideias preliminares que aqui estão. O termo “Área de Concentração” é depositário de um critério da UFBA, ainda que não possua características idênticas.

Enfim, este esforço de construção da proposta deve-se à certeza da capacidade de inovação do ICH, preparado que está para o futuro e consciente da justiça da proposta e da generosidade de uma grande expansão da Universidade, com a qualidade que já a caracteriza.

Prof.Dr. Eduardo Salomão Condé

Diretor do ICH/UFJF – Coordenador do Projeto de Implantação do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas

INTRODUÇÃO

A Universidade precisa ser um pólo de criação, reprodução e disseminação do conhecimento, identificada com seu passado (reconhecendo suas limitações e conquistas) e sistematicamente orientada para a inovação, o olhar para o futuro combinado à capacidade para a mudança. São tempos perigosos e desafiadores, muitas vezes movidos por uma força inercial que nos conduz ao futuro como prisioneiros, e não parceiros, do passado. Ainda que o caminho percorrido tenha sido longo, que as conquistas tenham surgido e o equipamento público atual reflita estas vitórias, o mundo permanece desafiando a Universidade a todo instante.

Entre os desafios da Universidade está aquele de fidelidade à inovação e, ainda mais substancial, fazer da Universidade contemporânea do mundo onde se insere, que permaneça produzindo seus cursos de qualidade, avançando sua pós-graduação, reconstruindo-se diante do desafio do tempo, sendo capaz de produzir para além do mesmo e do universo do “longo século XX”, para usar a expressão de Giovanni Arrighi. Isto não significa ultrapassar tudo, nem mesmo a maior parte, mas permitir germinar uma semente que possa oferecer soluções aos desafios e novas oportunidades em um mundo repleto de velocidade e inovação.

Por outro lado, como todo projeto que deseja enfrentar o desafio do seu tempo com consequência, ele também pretende ser um “salto de tigre” em relação ao passado, na feliz expressão de Benjamin. Pois aqui estará proposto um novo curso, que resgata o conceito de “humanidades” reinstalando-o no centro da modernidade em sua forma mais radical e “líquida”.

Aqui será proposta a criação de um novo curso. Não porque ele pode ser “útil”, mas porque poderá contribuir para uma melhor compreensão de nosso tempo, construindo a base para a formação de um sujeito histórico mais adequado à contemporaneidade, que desenvolva capacidades e habilidades como ferramentas mais bem dotadas que a simples alocação de conhecimentos hiperespecializados. A especialização será sempre necessária e valorizada, mas o caminho até lá, com um curso centrado nas humanidades, receberá sinais adequados e uma estrada mais segura.

Um Bacharelado como este deverá representar uma possibilidade, uma abertura intelectual para a apropriação crítica e interdisciplinar de um mundo mutante, em uma escala antes desconhecida. Apenas um curso que tenha um olhar no passado e ferramental analítico no presente é capaz de responder aos desafios apresentados no presente, permitindo a cada sujeito discente o incentivo às suas potencialidades, ofertando a cada um uma base real sobre a qual a formação futura possa se assentar, possibilitando-o

explorar mais sua capacidade para a solução de problemas que a apresentação das soluções já consolidadas. É a aposta segundo a qual as humanidades representam o melhor conjunto intelectual para viabilizar essa perspectiva.

Este projeto está dividido por três seções: a questão das Ciências Humanas e das Humanidades; a perspectiva de um bacharelado interdisciplinar e sua contextualização (o plano de expansão do Instituto de Ciências Humanas, o projeto político-pedagógico) e, por último e muito importante, a proposta curricular para o Bacharelado, obviamente correspondente ao plano político-pedagógico. Nessa última fase, será discutida a proposta do Bacharelado como um primeiro ciclo completo, preparando a transição, para o aluno do Bacharelado em Ciências Humanas, a um segundo ciclo (formação específica).

1 – AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE FORMAÇÃO

Não deveria ser tão surpreendente que o campo das Humanidades oferecesse uma proposta de sua afirmação. Não que elas não estivessem bem representadas na História, nas Letras e Artes, nos estudos sobre Sociedade, Cultura e Filosofia, mas exatamente porque estas áreas, com sua notável expansão em direção a um saber especializado, necessitam estabelecer um diálogo interdisciplinar essencial para a compreensão da contemporaneidade. Por um lado, vive-se o cotidiano em um universo social marcado por princípios utilitários, com racionalidade instrumentalizada e imediata, com formação cada vez mais compartimentalizada e com áreas de saber muito fechadas sobre si próprias. Este diagnóstico implica em verificar uma redução sobre a capacidade em dialogar com este mundo tão plural, reduzindo o campo comum de debate entre áreas irmãs em nome de uma esfera científica autônoma para cada uma. A autonomia é importante como sempre foi, mas a redução da capacidade dialogal empobrece a reflexão sobre a condição humana, uma das bases dos estudos em Humanidades.

Por outro lado, aquilo que pode ser denominado de “humanidades” não é um conceito vazio ou desimportante. Isto porque existe uma importante revalorização do conhecimento que este campo produz, desde o diálogo com a ciência “dura” até o debate ciência/religião, da relevância da arte à capacidade da sociedade elaborar o conhecimento sobre si própria de forma integrada.

Afirmar a necessidade de diálogo interdisciplinar parece lugar comum. Aliás, a própria necessidade em se “afirmar” algo, nesta frase, é sinal dos tempos. Afinal, dada a notória *interface* entre política, literatura, história e filosofia, ou entre filosofia, arte e ocupação do espaço, não pareceria necessário “falar” de *interface*. O discurso manifesto parece superar tão amplamente o latente que este último parece recordar um conteúdo reprimido no inconsciente, se a área irmã da Psicologia permitir a imagem. Pois, ao mesmo tempo em que se louva a “interdisciplinaridade”, existe uma corrida acelerada para a afirmação da especificidade.

Obviamente que esse fenômeno é compreensível diante de toda a poderosa ferramenta de construção da afirmação do conhecimento científico, filho do positivismo, de Spencer, de Bentham, mas também do velho Iluminismo, que ao reforçar as luzes da razão também iluminava a fragmentação futura. Neste sentido, no tempo de Adam Smith, o fundador da “ciência triste” (a Economia, que recebeu esta alcunha após as sombrias previsões do Reverendo Malthus), não era um economista, mas um filósofo

moral do século XVIII, alguém que ainda combinava, com naturalidade, filosofia, literatura e política. E, da sua Escócia natal, surgiram as luzes antes de Paris. Mas, dificilmente Smith imaginaria que os desdobramentos de sua visão naturalista do mundo desembocariam no utilitarismo de Bentham e no amoralismo de mercado de Spencer. Talvez ele estivesse mais próximo de John Stuart Mill, mas certamente longe da desenfreada racionalidade objetiva da economia neoclássica.

Diriam alguns que isso foi o progresso das Luzes. Weber, uma das referências centrais aqui, denominou o processo de desencantamento do mundo e na sua imagem das esferas que se deslocavam para campos específicos. Em nome da marcha da razão, as Ciências Humanas foram se autonomizando e criando seu campo especializado, seu *lócus* privado em um mundo que exigia a auto-afirmação em nome de sua existência independente. Ao raiar do século XXI, esse processo se completou no próprio discurso de cada disciplina, ainda que persistam elementos de universalidade sobrepostos, camada a camada. Esse processo também se auto-reforça através de um paralelismo com o agente maximizado, típico da razão instrumental: as ciências tendem a maximizar seus interesses de campo, apenas estabelecendo parâmetros coletivos a partir de seus interesses privados. Isto não é um mal absoluto, em um mundo que realmente precisa ser interpretado por mapas cognitivos de área, mas está longe de constituir um produtor de “outra” racionalidade e de um conhecimento mais integrado, que possa ofertar ferramentas (um conceito instrumental) para construir um universo de possibilidades interpretativas, desenvolvimento de competências e cultura (um princípio emancipatório) para melhor preparar uma própria formação especializada.

A pluralidade não pode ser substituída por um saber fechado. O conhecimento específico de UM campo é essencial, indispensável, para o mundo contemporâneo e para a própria afirmação de cada área. Mas, uma formação essencialmente fechada é incompatível com o espírito das Humanidades, que fundou todas as ciências humanas. Ela pode ser da melhor qualidade (e certamente o é), mas o mundo não pode ser encerrado na província intelectual. Qual o mal, em si, em permitir a construção de mapas cognitivos pessoais dos estudantes a partir de campos distintos, em realizar um “*footing*” intelectual pela sociologia e descobrir Weber na lógica dos espaços? Ou ler Machado e se encontrar com o poder médico no Rio de Janeiro? Ou interessar-se pelo existencialismo e enveredar pelos caminhos da política francesa e o papel da Unidade Européia? Pois o conhecimento é surpreendente: até os implacáveis defensores de Marx (muitas vezes tão contrários ao próprio autor) podem descobrir rasgos de evolucionismo e eurocentrismo. Alguns podem até compreender os trabalhadores sem terra no Brasil a partir de diálogo com as guerras camponesas na Europa, ou compará-las com a liberação do mercado de terras após a Guerra da

Secessão americana. Ou descobrir, interessado em Turismo, como a concepção de espaço e lugar interpõe-se sob mediação da história, da cultura e do espaço social. Ou ainda da filosofia e da arquitetura: por que as cidades ideais e seus projetos renascentistas guardavam profunda relação com o Humanismo? Por que as comunas medievais e seu comunitarismo secular podem facilitar modelos de organização econômica na Emilia Romagna atual, mas o mesmo modelo fracassa no Brasil? Estas são apenas algumas questões específicas que podem ser traduzidas em um mundo de conhecimento vasto e integrado, para além das meras menções de interdisciplinaridade possíveis. Compreender o mundo ainda é fazer conexões, inclusive das Humanidades, com as denominadas Ciências Naturais. Continua sendo necessário conhecer Matemática para aprimorar conhecimento científico em certo nível; continua sendo necessário conhecer e dialogar com a Biologia para melhor compreender, p.ex., a evolução e seus desdobramentos.

Claro que todos estes pontos não podem ser esclarecidos em um curso. Claro que as interfaces são em número quase ilimitado. Trata-se exatamente disto a proposta das Ciências Humanas como um curso específico: fornecer instrumentos, desenvolver capacidades, estimular conexões, solucionar problemas, compreender a necessidade mesma das relações, aproximar-se dos diferentes objetos e saber escolher, ao fim e se assim desejar, qual área especializada deseja aprimorar, tornar-se um profissional mais preparado a solucionar problemas, pronto a reconhecer a diversidade e a pluralidade dos mundos. Afinal, como os defensores do conhecimento das Humanidades sabem, autores são sempre intérpretes do mundo, mas o mundo é sempre mais complexo que apenas um autor ou uma área; a complexidade do mundo exige mais de um código e estes códigos sofrem mutações. Somente essas duas lições fundamentais, transitando por variadas áreas, serão algo para toda a vida.

O que a proposta de um curso de Ciências Humanas traz é uma viagem “invertida”. Se antes o traslado intelectual obrigou a uma forte especialização em nome do status de ciência, agora se propõe que seja revalorizada e reconfigurada a formação geral nas Ciências Humanas. Não como um fim em si, mas como um meio para atender dois pontos essenciais: estimular a interdisciplinaridade e uma concepção mais estruturada do mundo contemporâneo por diferentes *approaches*, *pari passu* a construção de uma base de escolha mais forte visando a própria especialização em um dos campos científicos das próprias Ciências Humanas e/ou áreas correlatas.

Tomando emprestadas as sugestões de Sergio Paulo Rouanet, há quatro argumentos favoráveis a uma revalorização efetiva das Humanidades: um contrapeso à cultura tecnocrática (mas sem nenhuma hostilidade à razão científica), tornar o espírito humano mais versátil, estimular o pensamento crítico e

simplesmente pelo prazer (nem sempre sublime, mas em todas as suas formas). Ao defini-las, Rouanet propõe chamar Humanidades, “as disciplinas que contribuam para a formação (*Bildung*) do homem, independentemente de qualquer finalidade utilitária imediata ... estruturar uma personalidade segundo uma certa *paideia*, vale dizer, um ideal civilizatório e uma normatividade inscrita na tradição, ou simplesmente proporcionar um prazer lúdico” (Rouanet, 1987, p.309.). Em outra chave, Renato Janine Ribeiro, ao propor um curso de Humanidades para a USP, elabora seis teses implicadas em um curso desta natureza: (1) em um mundo em mudança, é preciso abrir espaços de experimentação; (2) a Universidade não pode clonar o mercado, mas fornecer uma base sólida para que o aluno possa navegar; (3) formar uma cultura para a pesquisa; (4) conhecer o cerne dos problemas e não preocupar-se excessivamente com aspectos burocráticos; (5) não buscar propor sínteses ilusórias, ou mesmo harmônica das coisas e (6) não cristalizar-se institucionalmente (Ribeiro, 2001, p.11-24).

O que aqui se propõe não é apenas lúdico e muito menos apenas mais um curso. É a constatação de que, para navegar no mar revolto da contemporaneidade, é preciso mais que um saber fechado; procurar com uma bússola rotas diferentes antes que o caminho seja efetivamente escolhido.

Poucos discordam que existe hoje uma forte indeterminação em diferentes escalas da vida social, agravadas por variadas incertezas. Zygmunt Bauman (2000) fala em redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade, afetando as instituições, as configurações, constelações e padrões de dependência e interação; não há fatos auto-evidentes nesses padrões; há velocidade e variabilidade do tempo-espaço. Mas isso não significa incompreensão ou impotência intelectual; significa antes a possibilidade múltipla e de interação de conhecimentos. É preciso encontrar uma narrativa mais estruturada, no sentido de conectar experiências e acumular experiências. Enfrentar o que Sennet nomeia de cultura debilitada, aquela de um modo de vida cada vez mais superficial, cultura emergente que repudia o esforço e o compromisso corporificados em uma perícia artesanal (Sennet, 2006).

Este diagnóstico breve das mazelas do capitalismo mais recente é apenas uma expressão da necessidade de enfrentar a última modernidade como desafio. Não porque seja preciso recuar ao mundo renascentista, ao passado orgânico de uma *paideia* estruturada. É preciso antes preocupar-se com o presente, contribuir para uma reconstrução interpretativa e uma narrativa aptas para fornecer a base para uma vida menos danificada. Integrar áreas de conhecimento em prol de um projeto mais orgânico e que se situa além da imperiosa necessidade do mercado, da reprodução do mundo fragmentado. Por isso mesmo, escapar da produção do seu contrário, o dogmatismo estéril, intelectual e prático, que, ao invés de oxigenar, cristaliza o mundo em um conhecimento pré-estruturado.

A verdade é que a Universidade recebe um público que vive na esfera do fragmento e da cristalização. E um público pouco preparado para determinar, na tenra idade de 17 anos, seus caminhos profissionais. Em um mundo fluido, veloz, que solapa as bases da perícia artesanal comentada por Sennet, como é possível definir a especialização? Se o próprio trabalho enfrenta desafios e exige uma grande capacidade adaptativa, também erodindo a estabilidade por essa mesma exigência, por que tanta certeza sobre o futuro antes da segunda década de vida?

É possível aspirar mais, permitir experimentação, criar, ainda que minimamente, melhores condições para a formação futura. E, ainda que para horror de muitos, também aceitar e estimular aqueles que desejam realizar seus desejos de mais conhecimento, de prazer lúdico, assim como aqueles que já trabalham, que desejam um curso superior que lhes abra horizontes e permita, em seu próprio emprego, desenvolver melhor suas capacidades.

Tudo isso porque um curso que permita escolhas, formação múltipla e interdisciplinar, flexibilidade na ação, pode gerar um efeito contrário ao esperado pelos críticos mais ácidos, preocupados com um curso “curto”, “confuso” e que “cede” ao mercado. Esta postura pode vedar os olhos a uma cultura mais ampla, aberta, que pode fornecer ferramentas importantes àqueles que o fazem, seja preparando para a própria formação em um segundo ciclo profissional, seja melhorando o próprio desempenho em sua atividade atual ou mesmo em atividades profissionais não reguladas no rol de profissões oficiais, aquelas da velha prática oriunda dos anos 30 do século passado. A crítica sobre “ceder” ao mercado é ainda mais curiosa: não seria exatamente ao contrário? Ou a Universidade agora deve preocupar-se em ceder à especialização precoce e apenas às profissões regulares em um ciclo único de 4 ou 5 anos? Não há espaço para inovação em nenhuma área de atividade que não seja regulamentada ou consagrada? Por que não realizar um curso de primeiro ciclo, terminal, que ofereça mais uma opção de formação, permitindo que o aluno possa receber mais um diploma? Será que somente deve ser fornecido a cada aluno uma formação fortemente especializada? Ele não pode se preparar para a vida adulta plena melhorando a qualidade da formação cultural e preparando-se recebendo incentivos para criar, reinventar e estar preparado para aprender por toda a vida? Não um conteúdo pré-definido, mas preparado para responder aos desafios do presente.

O diálogo com o mundo do trabalho não desaparece, ele aqui permanece como referência. A formação específica tradicional, em um modelo de capitalismo mais estável, de base tecnológica menos fluida, com profissões de longo curso e “carreiras” estáveis está superado por uma combinação inédita de complexidade, incerteza, instabilidade, singularidades e novos conflitos, dramatizando aquilo que Marx, já

no século XIX, tratava como a solidez que se “desmancha” no ar. Pois o próprio capitalismo é atravessado por fenômenos globais, multidimensionais e de *long run* que redimensionam os conflitos, as relações sociais e o mercado de trabalho. Ao mesmo tempo em que estas dimensões se manifestam, é preciso estar preparado para compreendê-las e interpretá-las à luz da própria vida humana concreta. E também viver nessas condições, reproduzir a própria vida no trabalho, criticar essas condições. Compreender e enfrentar as mudanças tecnológicas, a globalização, as redes, os novos processos de trabalho, o tempo livre. A única forma para fortalecer essa dimensão é uma integração mais sistêmica entre os campos de conhecimento, fortalecendo a cultura e a capacidade de escolha até como instrumento crítico deste mundo. Isto permitirá, àqueles que desejarem, permanecer em um diploma geral com mais capacidade, ou fortalecer a formação específica com uma formação de qualidade superior, até melhorando a própria área profissional escolhida.

Afinal, uma tarefa essencial nestes tempos é lidar com a inovação e com a velocidade de mudança. Um curso de Ciências Humanas deve ser capaz de fornecer instrumentos críticos, culturais e analíticos para abrir uma janela de oportunidade diante da complexidade. A regra da inovação e da capacidade em adaptar e interpretar esta inovação com base em instrumentos analíticos e reflexivos das Ciências Humanas pode permitir lições que as pessoas carregarão ao longo de sua vida. Não como um aprendizado “fechado”, mas que permita abertura à inovação e capacidade interpretativa, facilitando sua rota em um mundo de risco e oportunidade que exige mais flexibilidade. Não porque o mercado deseja, mas porque é essencial ao homem navegar na adversidade e na complexidade. Nada melhor que as Ciências Humanas e as Humanidades (em geral) para iluminar esse caminho.

2- UM BACHARELADO EM CIÊNCIAS HUMANAS NO ICH/UFJF

2.1- Um Curso Interdisciplinar em Ciências Humanas³

A modalidade de formação superior Bacharelado Interdisciplinar é um importante passo no sentido da inovação do ensino superior no Brasil. A expansão das vagas no sistema federal através do Programa de Expansão apresentou-se como uma possibilidade importante de renovação, uma vez que a mera expansão de vagas, em uma Universidade do porte da UFJF, onde já existem cursos noturnos, poderia representar mais do mesmo e com todas as dificuldades anteriores. A defesa do bacharelado inclui o conceito de “formação geral”, em grandes linhas a constituição de competências básicas (aqui nas Ciências Humanas), por diferentes campos formativos, estimulando a descoberta de habilidades e preparando, em linhas gerais, a capacidade para que o acadêmico possa navegar não apenas por territórios determinados, mas tenha a competência e a capacidade em explorar as oportunidades que se abrem em um mundo sob o signo da mudança. Isto implica em formar também alguém capaz de buscar informações, dialogar de forma conseqüente e, antes que reproduza um saber enclausurado, permita desenvolvimento intelectual por vários caminhos. Uma única formação hiperespecializada reproduz apenas UM “mundo” (ou tem conexões limitadas). O desafio está em constituir a capacidade intelectual para transitar ENTRE os “mundos”.

Entretanto, existem limites para a própria formação geral, uma vez que ela consiste de relações entre disciplinas e práticas variadas, destinadas a fortalecer a dupla espiral “formação” e “competências”. Ela deverá permitir as possibilidades de desenvolvimento pessoal e fortalecimento das escolhas. Existem cidadãos que poderão desfrutar desse progresso na Universidade, o desejam, vêem a possibilidade para produzir cultura e saber e uma bússola de navegação em uma sociedade tecnicizada, global e múltipla. Que possam compreender suas contradições, visualizar seus conflitos e refletir sobre eles. Tornar-se profissionais melhores em diferentes atividades, muitas delas emergindo fora das áreas fortemente especializadas. Mas, claro, a formação geral sólida não exclui a especialização profissional.

O sistema de dois ciclos intenta integrar a relação entre a formação geral e a específica. Pois propõe reequilibrar o tempo destinado a ambas, justificando-se pela possibilidade de uma formação mais

³ Para efeito explicativo, o texto, quando refere-se a Bacharelado, Bacharelado Interdisciplinar ou bacharelado em Ciências Humanas, sempre está referido ao novo curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas

integradora e crítica. E, ao mesmo tempo, oferecer à formação específica um estudante mais voltado à inovação e capacitado a mediar, pela ampliação do seu próprio horizonte e sob uma sociedade em forte mutação, a formação de um campo de saber profissional com as mutações que esta própria área profissional sofre na contemporaneidade.

Diferentemente do modelo de formação superior que predomina hoje no país, o bacharelado interdisciplinar propõe realizar uma aproximação diversa com o próprio mercado. Enquanto o modelo tradicional se volta de forma direta e imediata para certos campos do saber específicos, o bacharelado Interdisciplinar visa à preparação para o desempenho de ocupações diversas que mobilizem, de modo flexível, conhecimentos, competências e habilidades. Conforme será visto na seção seguinte, há mecanismos interessantes e importantes de aproveitamento, no próprio mercado de trabalho, de um portador deste título de bacharel.

O curso de Bacharelado em Ciências Humanas é um curso novo, que gerará um diploma específico e corresponderá (se o acadêmico desejar) a um primeiro ciclo de formação. Isto porque ele estará dentro de um processo de renovação na formação de Ciências Humanas com “dois ciclos”: o primeiro ofertará o bacharelado com formação geral em Ciências Humanas e ênfase (ou “área de concentração”) em uma das áreas de conhecimento aderentes ao projeto. E o segundo ciclo, onde o acadêmico transitará para a formação específica nos mesmos campos (pré-definidos pela “ênfase”), gerando um diploma específico. Este projeto defende que o primeiro ciclo tenha a duração de 2,5 anos, enquanto o segundo tenha duração entre 1,5 e 2,5 anos. Os cursos de formação específica terão plena liberdade, e não poderia ser de outra forma, para ofertar seu bacharelado específico e/ou licenciatura. Mudanças curriculares nesta formação específica (ou segundo ciclo, para efeito deste projeto), também serão inteiramente de acordo com os respectivos colegiados. Esses pontos serão detalhados abaixo, no item 3.

A formação de primeiro ciclo corresponde a uma etapa de formação geral em Ciências Humanas e em disciplinas comuns de formação científica. Mas não se pretende que o Bacharelado seja obrigatoriamente um curso em si. Ele pode ser apenas a porta para uma visão mais crítica, preparada e capacitada a dar resposta a diferentes desafios.

2.2 - Antecedentes do ICH

O Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Juiz de Fora se originou da tradicional Faculdade de Filosofia e Letras (FAFILE), tendo seu primeiro Diretor sido eleito em 1969. A

FAFILE teve sua origem na década de 1940 e foi um importante celeiro intelectual para a cidade de Juiz de Fora, caracterizando-se por grande diversidade temática e, apesar de sua “área de concentração”, deu origem a cursos como o de Jornalismo (1958) ou a Licenciatura em Ciências Físicas e Biologia (em 1968). Isto porque a FAFILE era fundamental, desde a origem, para a formação de professores embasada em uma “filosofia católica”, sendo também a base para a Faculdade de Educação da UFJF. Em 1969, esta Faculdade é incorporada à UFJF.

A agregação das antigas e tradicionais escolas de formação superior em Juiz de Fora (que originaram a UFJF - Engenharia, Medicina, Direito, a própria FAFILE, entre outras) em um campus unificado, ao apagar dos anos de 1960, é o ponto de origem “físico” do denominado Instituto de Ciências Humanas e de Letras (ICHL). Então ali estavam os cursos de Filosofia, Letras, História, Geografia, Ciência da Religião e Ciências Sociais. A história registra que somente entre o final dos anos 80 e 90 ocorreu o surgimento de novos cursos - Psicologia e, ao final da década, Turismo (1999) – que completaram o quadro da formação em Graduação. Um dado importante é que o ICHL foi a primeira unidade a aderir à ampliação da UFJF para o período noturno, ofertando vagas em História, Geografia, Ciências Sociais e Letras, quando a Universidade dava seus primeiros passos nesse sentido. Quando criado o curso de Psicologia (1992), este também se estabeleceu como noturno. Ao início dos anos de 1990, o curso de Ciências Sociais opta por entrada exclusivamente à noite (estando aqui junto à Psicologia), os demais (exceto a Filosofia, que permanece diurno) se mantêm nos dois turnos, incluído o novo curso surgido ao final dos anos de 1990, Turismo.

Portanto, o então ICHL participou de uma primeira expansão ao noturno (entre meados dos 80 e dos 90), criou cursos novos (pós-graduação estrito senso mais a graduação em Turismo ao início do século XXI) em uma segunda expansão e agora se prepara para um terceiro esforço de crescimento, com a proposta de um Bacharelado em Ciências Humanas, a recriação da graduação em Ciência da Religião e da expansão da pós estrito senso e a ampliação de vagas nos cursos em todos os cursos

No âmbito da pós-graduação estrito senso, as áreas de Letras e Filosofia foram pioneiras em estabelecer um curso de Mestrado em suas respectivas áreas (já ao final dos anos de 1980). Desde o início dos 90, a área de Ciência da Religião (então um Departamento da Unidade), também passa ao oferecimento de um mestrado na área, o que se completaria em 1999 com a oferta de um doutoramento, formando um programa completo. Já nos anos de 2000, as áreas de História (2003), Ciências Sociais (2004) e, por último, mas não menos importante, a Psicologia (2007), estendem suas formações ao nível

de mestrado, sendo que as Ciências Sociais aprovaram seu doutoramento em 2008 e História com previsão para os próximos dois anos.

No ano de 2005, por seus professores e apoio da então administração superior, houve a decisão dos departamentos de Letras e Letras Estrangeiras em estabelecer um caminho próprio, afastando-se para constituir o projeto que originou uma nova unidade na UFJF, a Faculdade de Letras. Ela já nasceu com um programa completo de mestrado e doutorado em Lingüística e Teoria da Literatura. Esta escolha “refundou” administrativamente a área de Ciências Humanas e flexionou a orientação acadêmica do Instituto, dando origem ao atual Instituto de Ciências Humanas (ICH) ao final de 2005.

O atual ICH compõe-se de um quadro próximo aos 100 professores para um total de aproximadamente 1800 alunos em seus cursos. São 21 os atuais servidores técnico-administrativos em educação. O quadro de professores atende um vasto número de turmas por toda a UFJF, correspondendo a uma das mais importantes contribuições à transdisciplinaridade na Universidade.

2.3 - O Plano de Expansão e Reestruturação das Universidades e o ICH

Em outubro de 2007 foi aprovado o Plano de Expansão e Reestruturação da UFJF, que tem por base o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, instituído por meio do Decreto Presidencial Nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Desde o início, esse plano foi marcado pela adesão voluntária das IFES, estabelecendo as condições e os recursos disponíveis para a expansão da oferta de vagas nas federais. Ao fim do prazo de adesão, todas as Universidades federais aderiram ao programa, ainda que com uma grande diversidade nas modalidades de expansão.

O objetivo desse programa está em criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais. Tem ainda, como meta global, a elevação gradual da taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais para noventa por cento e da relação de alunos de graduação em cursos presenciais por professor para dezoito, ao final de cinco anos.

No âmbito do ICH, após três meses de discussões em seus departamentos acadêmicos, Conselho de Unidade e grupo de trabalho, foi recorrente a concepção do Programa de Expansão não como uma imposição ou um mecanismo oculto de precarização do ensino, mas como uma janela de oportunidade e uma possibilidade de inovação. Muitos dos departamentos do Instituto já ofertavam grande quantidade de

disciplinas para toda a UFJF e tinha seus próprios cursos, além da pós-graduação estrito senso ser uma realidade para, na época, três áreas⁴. Por que, é possível indagar, por que participar da expansão? Primeiro, porque a maioria no Instituto preocupa-se com a expansão de vagas no sistema federal, seja pelo notório déficit brasileiro na educação superior, seja pelo caráter público das Federais. Segundo, porque existem poucas possibilidades, nas IFES, de investimento significativo em recursos humanos e materiais, o que esse programa permitiria. Em terceiro lugar, porque ele pode representar uma possibilidade de inovação acadêmica, o que ora se descreve aqui. Porque não basta ampliar quantitativamente as vagas, o que poderia simplesmente comprometer cursos existentes. É muito mais significativo buscar inovar a formação, ofertar um curso novo (em primeiro ciclo) com qualidade crítica e de base humanística e, com isso, preparar ainda melhor para uma formação específica (segundo ciclo) e profissional. É, sobretudo, um projeto responsável (preocupado com a qualidade e a formação crítica e geral) e generoso, incorporando mais cidadãos e fornecendo aquilo que é mais caro às Ciências Humanas e as Humanidades em geral: cultura, capacidade crítica, o contato com os clássicos e os clássicos contemporâneos e a capacidade para observar e melhor interpretar nossa época.

A expansão no ICH obedece ao seguinte, conforme o Plano de Expansão da UFJF enviado ao MEC e ali aprovado contempla a contratação por concurso público de 35 novos docentes e servidores técnico administrativos em educação em nível compatível com a necessidade (até 18 servidores solicitados até 2012). O investimento previsto incorpora ainda a construção de um novo conjunto de prédios com aproximadamente 10.000 metros quadrados para o Instituto de Ciências Humanas.

2.4 – O Plano Político-Pedagógico do Bacharelado em Ciências Humanas

A – A formação como centro, as competências como objetivo: uma justificativa

A formação em um bacharelado interdisciplinar representa uma grande oportunidade de inovação, em um contexto social onde convivem a necessidade de expansão das vagas federais e a qualidade da

⁴ Ciência da Religião (Mestrado e Doutorado), Ciências Sociais (Mestrado e Doutorado) e História (Mestrado). Desde 2008, Psicologia também teve seu curso de mestrado aprovado na CAPES.

oferta de conhecimento e pesquisa. Claramente, a modalidade bacharelado interdisciplinar precisa garantir a possibilidade para que o ingressante na Universidade possa desenvolver vivência e convivência variadas, seja por áreas de conhecimento, seja com outros estudantes advindos de expectativas e interesses variados. Da mesma forma, deve permitir que o aluno “navegue” não apenas por territórios determinados, mas tenha a competência e a capacidade em explorar as oportunidades que se abrem em um mundo sob o signo da mudança. Não seja um receptor passivo de um conhecimento, mas desenvolva a capacidade de maior multiplicidade, pelo acesso a uma formação geral efetiva e que eduque para a pesquisa e os desafios de um mundo cada vez mais plástico.

Mas também deve permitir uma melhor capacidade de escolha profissional, da “carreira”. Por que deve ser obrigatório que a formação profissional seja determinada no primeiro ano na Universidade? A formação mais geral, proporcionada pela proposta de um bacharelado em Ciências Humanas, deve também possibilitar uma escolha mais ponderada, como deverá ficar claro na proposta curricular. Pois a verdade é que a graduação não pode ser sinônima de profissionalização nem da concepção apriorística de que, uma vez em um curso, há um destino formativo traçado. São conhecidos os problemas associados à evasão e ao baixo aproveitamento profissional em muitas áreas. Então, por que não optar pela combinação de formação múltipla, flexível e constituída à luz da construção de oportunidades? Ou, permitindo uma formação cultural mais sólida, fornecendo capacidades e abrindo novas alternativas de profissionais mais preparados a enfrentar a crescente plasticidade do mundo? Fornecer elementos básicos de estímulo à formação científica e cultural, auxiliando na escolha mais estudada da formação específica e, se o acadêmico assim desejar, partir com esta formação para enfrentar o mundo e até, uma vez que ele terá um curso superior, até retornar à universidade no futuro para cursar um campo específico. Se houver vaga disponível, por que não?

Se a formação deve ser o centro, a possibilidade em conhecer diferentes “leituras” do mundo é um grande estímulo para um objetivo central: construir um perfil formativo capaz do desenvolvimento de competências variadas. Pois esta é a matéria-prima da bússola de navegação na contemporaneidade. Uma formação que permita multiplicidade e flexibilidade, aliada ao estímulo à pesquisa e ao próprio conhecimento *per se* (por que não?), facilita a descoberta de competências e prepara para uma escolha mais efetiva na própria especialização profissional. Pois competência não é um conceito meramente instrumental, aplicável em um campo determinado. Antes, pode representar o desdobramento lógico de uma formação aberta à capacidade de interpretar o mundo. No vernáculo, competência envolve capacidade para apreciar e resolver assuntos diversos; aqui se propõe que nesta capacidade pode ser

significativamente aprimorada se acompanhada de uma formação mais sólida segundo entradas diversas na complexidade do mundo. Um profissional será mais competente se estiver cultural e abertamente mais preparado

Esta concepção vale também para aquele que alcançar o título de Bacharel em Ciências Humanas e, legitimamente, não desejar ascender ao ciclo específico de formação. Pois ele certamente, com mais mecanismos de acesso ao mundo da cultura e do fortalecimento para desenvolvimento de competências, poderá desenvolver atividades variadas de formação não específica – de cargos gerenciais a concursos públicos determinados – com mais consequência e capacidade.

B- Objetivos

O Bacharelado em Ciências Humanas objetiva constituir-se como um curso superior centrado em uma formação geral, flexível e orientada para competências criativas, seja pela ampliação de capital cultural, a orientação para a pesquisa, a capacidade para múltiplas *interfaces* profissionais e uma concepção crítica do mundo.

São objetivos específicos da formação:

- Desenvolver vivências e competências variadas nos diferentes campos das Ciências Humanas e outras áreas de formação científica;
- Navegar por territórios intelectuais variados, conviver com a diversidade típica das Ciências Humanas e suas interfaces;
- Permitir flexibilidade de escolha disciplinar e dos itinerários pelo próprio educando;
- Desenvolver formação cultural mais sólida;
- Estimular a participação de alunos em atividades acadêmicas variadas, bem como incentivar propostas inovadoras em aula, orientando a formação para a pesquisa;
- Permitir articulação com outras áreas da UFJF e por outras Universidades, incentivando mobilidade;
- Incentivar a construção de itinerários próprios pelos alunos, incentivando assim uma escolha mais consequente e fundada para a formação profissional;

- Compreender a sociedade, o tempo, o espaço e a cultura em uma perspectiva integrada e crítica;
- Fornecer um curso de bacharelado não profissional capaz de, ao mesmo tempo, produzir um cidadão capacitado para múltiplas atividades (inclusive ocupações emergentes) e preparado para uma formação específica da qual ele próprio possa usufruir mais plenamente.

C- Da formação proporcionada pelo Bacharelado em Ciências Humanas

A quem se dirige, ou quem poderia se interessar por esta modalidade de formação? Em princípio, qualquer pessoa, jovem ou não, com interesse na área de Ciências Humanas e Humanidades. Regra geral, até pela oferta atualmente existente de cursos superiores, o público adentra a Universidade com uma visão apriorística de algumas das áreas profissionais. Se muito jovem, como aos 17 anos, a escolha recai sobre interesses esparsamente desenvolvidos em um curto espaço de tempo, geralmente em dois dos três anos do ensino médio e sob influências variadas, da casa à rua. Há pouco conhecimento sobre as próprias formações e sobre o mercado de trabalho em muitas das áreas de Ciências Humanas. Vagamente, há sempre a possibilidade em desempenhar o magistério ou, em uma concepção geralmente pouco esclarecida, ser “pesquisador” em uma das áreas profissionais.

Claro que existem aqueles que adentram os portões da Universidade definidos, com uma certeza também típica da pós-adolescência. Isso muitas vezes pode operar como um poderoso incentivo e formar excelentes profissionais. Mas a regra, a da certeza, certamente pode, no mínimo, receber mais questionamento. O mundo das certezas, das carreiras fechadas, do emprego estável por toda a vida, para o bem e/ou para o mal, está em forte transformação.

O Bacharelado em Ciências Humanas é uma perspectiva generosa e aberta. Sua defesa fundamenta-se na crença de que a formação não é “definitiva” aos dezessete anos e nem será aos cinquenta. Se existe a possibilidade em fornecer mais instrumentos, mais possibilidades de equalização de oportunidades, cultura mais sólida e garantir o direito de escolha mais fundamentada, por que não fazê-lo? E, por que a Universidade deveria se fechar àqueles que não desejam um curso profissional clássico, mas um complemento à sua vida, pelo reconhecimento do caráter lúdico das Humanidades? Ou, finalmente, por que negar aos cidadãos que desejam crescer não em profissões tradicionais, mas simplesmente estar preparado para oportunidades em campos variados?

Esta proposta atinge tanto aqueles que desejam profissionalizar-se em uma área quanto para aqueles que desejam um curso superior nas Ciências Humanas e Humanidades. Aos primeiros, ele permite ponderar a escolha, permitir que ela seja realizada em um segundo momento fornecendo mais vivência

intelectual. Aos outros, pela garantia de um diploma universitário e também por contribuir com mais recursos para sua vida cultural, profissional e cidadã. O projeto contempla que, dentro das vagas ofertadas para o bacharelado, seja garantida, ao ingressante, a possibilidade da chegada ao segundo ciclo. Em outras palavras, ao entrar nas Ciências Humanas, e ao fim do primeiro ciclo, ele poderá ingressar no ciclo profissional se assim deseja. Se este não for o caso, ele ficará com o diploma do primeiro ciclo. É importante enfatizar, isto não guarda relação alguma com a tese da precarização do trabalho ou provoca redução da qualidade de ensino. Essa perspectiva não reforça o precário, antes capacita ao exercício de outras competências que não as rigidamente regulamentadas. Pode, inclusive, melhorar as condições de trabalho e permitir progresso pessoal no próprio trabalho. A combinação do incentivo a pesquisa, à multiplicidade e ao exercício crítico torna o cidadão mais preparado para enfrentar e compreender o mundo. Precarizado ele certamente ficará quanto mais exposto estiver ao jogo do mercado e com baixa capacidade reativa crítica e profissional.

Da mesma forma, a tese da redução da qualidade de ensino não se sustenta. Exatamente por que a qualidade cairia? Haveria mais desgaste no trabalho e menos incentivo? Como em tudo na vida, com ou sem a expansão, depende do modelo a ser adotado. O Bacharelado pretende combinar um conjunto de disciplinas de interesse geral, aproveitando vagas abertas em turmas variadas, sem exagerado número de turmas e liberando, para planejamento eficiente, um segundo ciclo – profissional – mais focado e destinado ao fortalecimento da competência específica escolhida pelo aluno. Permitirá aos departamentos envolvidos organizar-se mais, programar-se com mais liberdade e desenvolver-se por direções variadas. Isto não significa aumento de jornada, antes, desde que sob planejamento, pode equacionar racionalmente a oferta de professores.

Existem dois aspectos muito importantes a considerar. Pelo programa de expansão se prevê, nas Ciências Humanas, o acréscimo de 35 professores no quadro, em dedicação exclusiva e, muito preferencialmente, com doutorado. Esse renovado quadro de recursos humanos deverá, no mínimo, representar sozinho o equivalente a 70 disciplinas, apenas como exemplo ilustrativo. Isso com a carga mínima em sala de 8 horas, podendo as demais horas estar vinculadas a atividades de pesquisa e extensão. Além dos docentes, a contratação de novos servidores técnico-administrativos permitirá, pela primeira vez, agregar competências para melhorar atendimento nos três turnos, contratar quadro técnico especializado e garantir atividades nos departamentos e cursos.

As dificuldades surgirão. Afinal, é um novo curso, com um grau de experimentalismo importante – e necessário. Mas, ele somente pode ser implantado em um novo conjunto de prédios, com melhores

equipamentos. Isto, o programa de expansão permite. Com docentes e técnicos novos, o que também ocorrerá. Por tudo isto, há uma possibilidade efetiva de sucesso, com o engajamento dos agentes envolvidos não em um projeto isolado, mas, pela primeira vez, como um projeto e uma contribuição do ICH como um todo.

Obviamente que, no âmbito do atual espaço físico do ICH, tal expansão não se viabilizaria. Portanto, **a adesão do ICH ao plano de expansão condicionou-se a novas instalações físicas, sem as quais jamais será possível realizar qualquer aumento de vagas**, seja por falta de espaço, seja por precariedade das instalações. Obviamente que, ao início do plano em 2010, deverão haver instalações em um novo local aptas a receber os alunos e a estrutura inicial para funcionamento.

Do Diploma

O conculinte do primeiro ciclo – bacharel em Ciências Humanas – corre o risco de não ingressar no mercado de trabalho? Sim, mas o mesmo se dá com portadores de qualquer diploma. No caso dos cursos de Direito, há um grau assustador de reprovação no exame da Ordem, podendo atingir 80%. Estas pessoas são “especialistas” diplomados, mas podemos nomeá-los como advogados competentes? O curso que mais gradua no Brasil é administração. O que, na prática, representa ser portador de um título de Administrador se sua atividade é fiscal aduaneiro ou escriturário? Foi o diploma? E, se foi um diploma, será que o fato deste estar vinculado à administração foi decisivo? Ou outro diploma teria o mesmo efeito? O mesmo vale para quase todas as áreas. As estatísticas oficiais indicam que a área médica é a mais efetiva na relação diploma/tipo de atividade; no geral das atividades, a média não passa de 50% enquanto algumas áreas tem apenas 10% (ou menos) de efetivo exercício. Isto não significa que se deva abandonar qualquer profissionalização; antes, cabe reconhecer que outras opções precisam penetrar na agenda da formação educacional nacional.

É possível arrolar alguns aspectos merecedores de consideração com relação ao mercado de trabalho e que agem em favor de uma modalidade como o bacharelado interdisciplinar:

- OPORTUNIDADES - Há um grande número de profissões – e/ou atividades – não regulamentadas e menos rígidas na regulamentação pelos conselhos profissionais. Uma área óbvia são os concursos públicos, ainda que este mercado seja limitado. A carreira de auditor fiscal ou analista de políticas públicas pode (e já ocorreu) realizar concurso aberto, com a designação “diploma de curso superior”. Outro campo óbvio é a pós graduação lato ou estrito senso nas áreas de Ciências

Humanas e, eventualmente, em Sociais Aplicadas. Se o candidato demonstra a competência exigida, por que seu ingresso deveria ser negado? Outro campo de atuação é o setor de serviços e suas vastas necessidades. Cargos como o recrutamento de pessoal, entrevistas e gerência não são obrigatoriamente de profissões fechadas. Existem novas demandas para atividades na sociedade civil, como mediador social ou agente de atuação em sociedades sem fins lucrativos ou ONG's. E os cargos de analista de variadas matizes, em organismos privados ou públicos, além de consultorias. Isto sem contar a óbvia interface com o mundo da cultura, da promoção à crítica cultural, ou a colaboração em várias atividades jornalísticas e culturais. O mercado de trabalho não se esgota na regulamentação profissional, ela na verdade busca mais formação geral e adaptabilidade do que se imagina. Isto sem contar que o mercado de trabalho acelera sua capacidade de mutação. Reservar um lugar para as Ciências Humanas no futuro – sob forte hegemonia da técnica e da tecnologia – é proporcionar também uma formação que aproxime (crítica e objetivamente) a presente área com a tecnologia.

- ARTICULAÇÃO - o Bacharelado visa melhorar a formação geral, atende ao público demandante de curso superior e permite acesso a um segundo ciclo de formação específica;
- TERMINALIDADE E REINGRESSO - uma vez concluído o bacharelado, e mesmo sem imediatamente acessar o ciclo de formação específica, o concluinte poderá, uma vez que será portador de diploma de nível superior, retornar à Universidade no futuro, dentro das regras de reingresso estabelecidas e ocupando vagas ociosas;
- SINTONIA – a formação geral representa maior plasticidade, flexibilidade e capacidade para interpretar, criticar e dar conta das mutações da contemporaneidade. Isto representa mais oportunidades e sintonia com nosso tempo;
- REMUNERAÇÃO – dados agregados referentes ao mercado de trabalho indicam que ser portador de diploma de curso superior - na média, para qualquer curso – representa mais remuneração em relação àquele que não o possui.

D – Características funcionais do Bacharelado em Ciências Humanas

O Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas é proposto como uma modalidade de curso de formação superior com duração mínima de cinco (5) semestres letivos, com ingresso nos períodos

diurno (50%, primeiro semestre) e noturno (50%, segundo semestre). Será um curso superior com terminalidade, predominantemente de formação geral nas Ciências Humanas e enfatizando flexibilidade, trajetória construída pelo aluno, interdisciplinaridade e orientação para a pesquisa (como descoberta). Combina a ênfase em uma formação de qualidade com o desenvolvimento de competências, obtidas pelo caráter aberto e pelas possibilidades a descobrir, fortalecendo a cultura, a capacidade crítica e a defesa da diversidade.

D.1 - Sistema de acesso ao 1º. Ciclo

A principal forma de ingresso será através do Vestibular Anual da UFJF, consideradas as normas de acesso. O ideal é que o concurso de entrada para o Bacharelado contemple especificidades para o candidato, como orientação mais fortalecida às áreas afins ao futuro curso.

O ingresso obedecerá a:

- Ingresso no 1º semestre letivo: 50% do total de alunos aprovados – turno diurno
- Ingresso no 2º semestre letivo: 50% restante do total de alunos aprovados – turno noturno

Os alunos ingressantes saberão, previamente, que poderão optar pelo segundo ciclo em áreas pré-determinadas, no ICH os campos formativos de Ciências Sociais, Ciência da Religião, Turismo, Filosofia (parte das vagas). Outras áreas do ICH ou externas ao instituto, poderão se agregar mediante seu interesse. Outros cursos no ICH realizarão expansão de vagas (Psicologia, História e Geografia) nas estruturas já existentes

Quadro 1 – Vagas em 2009, vagas novas a serem ofertadas no ICH entre 2010-2012 e total de vagas pós expansão:

Cursos	Pré-Expansão	Expansão de vagas	Entrada no BIH a partir de 2010	Novas vagas 2010		Novas vagas 2011		Novas vagas 2012		Pós-expansão
	Vagas até 2009			A partir de 2010	-	1 sem	2 sem	1 sem	2 sem	
Ciências Humanas (D/N)	-	190	100%	95	95	-	-	-	-	345
Filosofia (D)	50	20	50%	-	-	-	-	-	20	70
Ciências Sociais (N)	40	50	100%	-	-	-	-	-	50	90
História (D/N)	60	30	-	-	-	15	15	-	-	90
Geografia (D/N)	60	30	-	-	-	15	15	-	-	90
Turismo (D/N)	90	90	100%	-	-	-	-	-	90	180
Ciência da Religião (D)	-	40	100%	-	-	-	-	-	40	40
Psicologia (V)	40	10	-	10	-	-	-	-	-	50
Total ↓	340	460	-	105	95	30	30	-	200	955

- Cursos novos são o Bacharelado em Ciências Humanas e Ciência da Religião..
- A entrada total de alunos, a partir de 2010 no Bacharelado, será de 355 alunos. Este total é obtido pelo somatório de 190 novas vagas no Bacharelado em Ciências Humanas, mais as vagas antigas (25 de Filosofia, 40 de Ciências Sociais e 90 de Turismo) anteriores à expansão.
- A Filosofia é o único curso que manterá duas formas de ingresso: 50% das suas vagas serão mantidas com entrada direta pelo vestibular e 50% via entrada do vestibular para o novo curso de Bacharelado. Das atuais 50 vagas, em 2010 e 2011, 50% irá para cada modalidade em entrada. Em 2012, haverá o aumento de 20 vagas, o que elevará a entrada para 35 vagas no Bacharelado e 35 diretas pelo vestibular.

* Novos cursos de graduação.

N = noturno; D= diurno; V= vespertino. Como regra, cursos com entradas em diurno e noturno dividem esta entrada entre o primeiro (diurno) e o segundo semestre (noturno).

BIH = Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Sem. = semestre

Obs: A entrada atual no ICH é de 340 alunos/ano; passará para 550 em 2010, 610 em 2011 e 955 em 2012.

D.2 - Sistema de acesso ao 2º ciclo

O segundo ciclo – formação específica – pressupõe três elementos:

- 1 – maior capacidade de escolha da área a se especializar, por maior vivência curricular e na Universidade;
- 2- escolha a ser realizada de acordo com as próprias opções do aluno e de acordo com seu desempenho ao longo do curso e não em nenhum momento isolado (como um “novo” vestibular);
- 3 – concluir o Bacharelado em Ciências Humanas para ingresso no ciclo profissional.

O ciclo de formação específica em Ciências Sociais, Ciência da Religião, Filosofia ou Turismo ocorrerá dentro das normas especificadas por cada curso. Após a conclusão do Bacharelado em Ciências Humanas acredita-se em um tempo especificado entre 1,5 e 2,5 anos para o Bacharelado Profissional e a Licenciatura (quando for o caso).

Também poderá (e é importante que a possibilidade exista) o graduado em Ciências Humanas transitar para área afim, como Artes ou outra que o aceitar.

Poderá ainda, mediante os mecanismos específicos e dirigidos de acesso da pós-graduação estrito senso, transitar diretamente para este patamar formativo. Tal ingresso depende, naturalmente, do próprio programa de pós-graduação.

A transição do aluno para o segundo ciclo ocorrerá pelo acompanhamento de seu desempenho escolar ao longo do curso de Ciências Humanas e dentro de suas próprias escolhas. Para efeito regulatório do curso, o aluno que desejar passar ao segundo ciclo deverá definir sua área de preferência ao final do segundo ano, período onde poderá cursar as 05 disciplinas de concentração. Para os alunos que não desejarem cursar o segundo ciclo não haverá obrigatoriedade da área de concentração.

Para efeito quantitativo, 50% de sua avaliação considerarão a média das notas obtidas na formação geral e 50% a média das notas obtidas em uma área de concentração.

Os 50% da formação geral representarão aquelas disciplinas cursadas que não comporão a chamada área de concentração (vinte disciplinas, em média).

Os 50% **da área concentração estarão representados pelas disciplinas do último período do curso (5)**. Caberá aos colegiados de curso com segundo ciclo definirem as disciplinas que poderão ser aproveitadas nesta etapa de formação.

Tal relação comporá um índice que classificará a entrada no segundo ciclo. Este acompanhamento será feito pelos dois coordenadores de curso mediante recursos informáticos específicos e com registro no CDARA.

Poderá ocorrer que o número de vagas ofertadas pelo curso pretendido no segundo ciclo tenha mais pretendentes do que vagas. Neste caso, o aluno que não se classificar receberá o diploma do Bacharelado em Ciências Humanas e, se desejar, poderá continuar a cursar de 1 a 5 disciplinas da área de formação geral (havendo vagas e excluídas as definidas como área de concentração) **em até mais um período letivo** (um semestre). O aluno permanece com o número de matrícula original do Bacharelado. Estas disciplinas adicionais, para efeito do cálculo de transição do primeiro para o segundo ciclo, substituirão de 1 a 5 notas obtidas dentro das matérias de formação geral (de acordo com o número de disciplinas que ele cursar no semestre adicional) e, ao final deste semestre, ele poderá novamente pleitear a vaga em um dos cursos de segundo ciclo.

O acadêmico poderá, optar por tentar outro curso de segundo ciclo diferente daquele que ele pleiteou anteriormente. Para tanto, ELE TERÁ QUE CURSAR CINCO DISCIPLINAS DA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO do curso pretendido neste semestre adicional, substituindo, para efeito de cálculo na transição do primeiro para o segundo ciclo, aquelas disciplinas de concentração anteriormente cursadas pelas exigidas na nova opção. Ele entrará, portanto na disputa com os outros pleiteantes neste segundo curso.

Caberá a cada colegiado de curso do segundo ciclo definir o formato de seu futuro curso.

D.3 - Características do 1º ciclo

D.3.1 - Estrutura

- AUSÊNCIA DE PRÉ-REQUISITAÇÃO - Este projeto pressupõe uma arquitetura aberta e flexível, Não há pré-requisitação. Isto combina o itinerário livre e a livre escolha com a própria construção do universo intelectual do aluno. E pressupõe uma responsabilização do mesmo pela maior parte de sua trajetória;
- FORMAÇÃO GERAL - é compreendida como o conjunto das disciplinas eletivas voltadas à cultura humanística, artística e científica e que fornecem uma base reflexiva essencial sobre o tempo, o espaço, a cultura, as artes e a prática científica, estruturando um saber integrado que auxilia na formação do arcabouço intelectual dos estudantes, estabelecendo parâmetros para sua percepção

sobre o mundo e a organização de sua reflexão. São aquelas que permitem navegar pelas diversas linguagens e pelos desafios reflexivos e práticos, estabelecendo a inter e a multidisciplinaridade como recursos essenciais.

- MATÉRIAS - organização geral do currículo é um processo onde, seguindo exemplo do projeto já apresentado pelo Instituto de Artes e Design (IAD) da UFJF, é apropriada a idéia de matéria, compreendida como unidades temáticas sob as quais se organizam disciplinas oferecidas pelo ICH e outras unidades da UFJF, agrupadas por afinidades de grandes áreas de conhecimento.

Quadro 2 – Matérias:

Matérias	Créditos
Filosofia e Ciência da Religião	16
Tempo e Espaço	16
Sociedade e Cultura	16
Letras e Artes	16
Formação científica	8

→ cinco grandes áreas formam o tema das matérias: Filosofia e Ciência da Religião, Tempo e Espaço (agregando conhecimento em História, Geociências, Turismo e similares), Sociedade e Cultura (sociologia, ciência política, antropologia, religião, economia, turismo, psicologia e similares), Artes e Literatura (artes em geral, literatura, língua portuguesa, uma língua estrangeira) e Formação Científica (estatística, metodologias gerais de pesquisa).

- ÁREA DE CONCENTRAÇÃO - compreende-se aqui o conjunto de disciplinas escolhidas pelo aluno, dentro do itinerário formativo, visando seu ingresso já no segundo ciclo e/ou aprofundamento inicial em uma das áreas de conhecimento nas Humanidades. Este conceito visa permitir uma escolha mais fundada de área e a própria experimentação. A área de concentração representará um conjunto fundamental para o acesso ao segundo ciclo e estas disciplinas serão aceitas no segundo ciclo para integralização de carga horária no curso pretendido. O limite para disciplinas de concentração no primeiro ciclo será de cinco disciplinas específicas de uma das áreas de segundo ciclo.
- DISCIPLINAS PARA O PRIMEIRO PERÍODO – serão definidas pelo Colegiado de Curso em reunião específica do mesmo.

- OPTATIVAS - A qualquer tempo o aluno poderá cursar qualquer outra disciplina, além daquelas previstas nas matérias. Isto abrange o turno diurno ou noturno. O objetivo é o enriquecimento curricular, constando do Histórico Escolar, mas não totalizando créditos para o complemento do bacharelado. Seu objetivo é permitir que o aluno transite para outras áreas e isto possa ser por ele utilizado como parte de sua experiência universitária. Isto no noturno ou no diurno, desde que existam vagas. Estas disciplinas, entretanto, vão para o Histórico Escolar, mas não contarão créditos para conclusão do Bacharelado em Ciências Humanas. Comporão um quadro que poderá ser utilizado pelo aluno em sua própria busca.
- APROVEITAMENTO DE CRÉDITOS – os créditos cursados no Bacharelado em Ciências Humanas poderão ser aproveitados nos cursos especializados de segundo ciclo, dentro dos limites estabelecidos por estes, podendo até integralmente ser aproveitados. Entretanto, as disciplinas das áreas de concentração, por representarem disciplinas consideradas como chave pelos cursos, serão inteiramente incorporadas. O programa de flexibilização curricular da UFJF
A iniciação científica merece uma observação a parte. Por si só, o fato do discente ser bolsista nesta modalidade deve merecer 4 créditos. A participação em outras atividades, um crédito cada. Vide quadro 3, item “aproveitamento de atividades”.
- GRADUAÇÃO EXCLUSIVA EM CIÊNCIAS HUMANAS - Por estrita decisão do aluno, ele poderá graduar-se em Ciências Humanas sem, obrigatoriamente, cumprir área de concentração, apenas cursando disciplinas da formação geral.
- ESCOLHAS – o aluno escolherá, dentro das matérias, uma seqüência de disciplinas. Ao final do tempo de bacharelado ele obterá uma creditação mínima em cada matéria.
- Como área de concentração, o aluno ainda deverá escolher 20 créditos a serem definidos dentro de um leque oferecido pelos colegiados de curso de segundo ciclo. Esta regra vale apenas para alunos que desejarem cursar o segundo ciclo.
- Obrigatoriamente, todos cursarão “As Humanidades como Campo de Conhecimento”
- O recurso a uma aula magna temática, como “As Humanidades no Mundo Contemporâneo” e com conferencista externo, é um recurso motivador inicial interessante, reunindo a todos os acadêmicos.
- No primeiro período de curso, os alunos estarão juntos nas disciplinas pré determinadas.
- Serão computados, na creditação mínima de cada matéria, os créditos cursados nas disciplinas definidas para o primeiro período.

- **TRABALHO FINAL** – o Bacharelado em Ciências Humanas terá, como requisito conclusivo, um artigo científico em tema de livre escolha do aluno dentro de um cardápio temático elaborado pelo colegiado de Curso, com tema dentro da área de Ciências Humanas e sob supervisão do sistema de tutoria (via monitores bolsistas pagos pelo próprio REUNI). Trata-se de um primeiro trabalho científico e de consolidação da iniciação à pesquisa. Sua elaboração contará carga horária para o curso. Esse trabalho, como artigo científico, será avaliado por um comitê tutorial e, se aprovado, publicado *online*. Poderá ser criada uma revista eletrônica com artigos selecionados por comitê editorial sendo, em muitos casos a primeira publicação dos alunos. Adicionalmente, ocorrerá um “Seminário de Iniciação a Pesquisa”, de livre participação, como objetivo de socialização do conhecimento produzido no curso de Ciências Humanas.

Quadro 3 – Resumo com carga horária

Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas			
Limite mínimo de permanência	05 períodos (2,5 anos)		
Limite máximo de permanência	13 períodos (6,5 anos)		
	Disciplinas	créditos	Horas
Disciplinas de formação geral			
Disciplinas pré-definidas (primeiro período)	5	20	300
Livre escolha	15	60	900
Disciplinas por área de concentração	5	20	300
Trabalho final de curso	1	1	200
Aproveitamento de atividades (seminários, simpósios, congressos, outras atividades aceitas pela Coordenação do Curso, Iniciação Científica) *	-	Mínimo de 4 e até 8	Mínimo de 60 e até 120
Total mínimo para diplomação em Ciências Humanas	26	-	1760

- Ver página 33, observações gerais.

D.3.2 – Gestão

- **INFORMAÇÃO COMO REQUISITO** – é importante desenvolver ferramentas *web* específicas para o curso, seja para informação, seja para acesso aos múltiplos universos intelectuais. Uma página *web* específica, o apoio à pesquisa documental, divulgação de atividades (seminários, disciplinas, conferências, professores visitantes, etc.) e uma tutoria presencial e não presencial. Deverá ser permitido que o aluno tenha acesso a diversas formas de contato, como e-mail institucional.

- ACOMPANHAMENTO ACADÊMICO - a coordenação de curso deve aprimorar-se. Com o auxílio de tutores, apoiar a construção do itinerário do aluno e até reorientá-lo pelos campos disponíveis. A vida acadêmica do aluno deve compor um banco de dados informativo sobre sua trajetória de forma que o próprio aluno possa aproveitá-lo como informação pessoal e o curso possa avaliá-lo ao longo de seu itinerário.
- DA MATRÍCULA A CADA SEMESTRE – a cada semestre, a partir do final do primeiro e cerca de 30 dias antes do final da data oficial para o término das aulas, o aluno deverá realizar pré-matrícula na coordenação dentro das disciplinas disponibilizadas pelos departamentos. Este procedimento será essencial para calcular a demanda futura por disciplinas de cada departamento.
- TRANSIÇÃO PARA SEGUNDO CICLO – o aluno, cerca de 30 dias ao final do quarto período, deverá dirigir-se à coordenação do curso de Ciências Humanas e declarar sua preferência de curso para o segundo ciclo. Até o final do período estará publicado o ranking classificatório de desempenho para o segundo ciclo. Como esta opção é chave, mediante solicitação o aluno receberá apoio neste processo de escolha a partir da coordenação.
- PESSOAL ADMINISTRATIVO - Adoção de dois coordenadores (um para o diurno e outro para o período noturno) e funcionários específicos lotados para atendimento e secretaria do curso.
- APOIO - Disponibilização de informações *online* e presencial acerca de modelos e sistemas de pós-graduação, de tendências no mercado de trabalho, seminário (na etapa conclusiva do curso) de inserção profissional (com convidados) e informações e apoio para o programa de mobilidade acadêmica (inter-universidades federais).
- COLEGIADO - aqui ele será mais necessário que nunca. Mas, para além do caráter burocrático de sua existência, o curso de Ciências Humanas precisa constituir um mecanismo anual de avaliação interna de desempenho do próprio curso, através da oferta de alguns indicadores básicos, obtidos a partir da avaliação discente e dos resultados gerais nas disciplinas. O curso de Ciências Humanas exigirá um corpo docente sintonizado com os objetivos do curso e comprometido com a proposta de formação geral e sua relação com o ciclo profissional. Por isso é importante que os professores conheçam o projeto pedagógico do curso, assim como é essencial compreender o caráter inovador da proposta e suas conseqüências formativas.
- Ao final de dois anos e meio o curso de Bacharelado em Ciências Humanas será avaliado conduzida pelo colegiado do curso, podendo rever rumos e alterar procedimentos. Esta prática

está relacionada ao caráter inovador da proposta, situações não previstas e, claro, a necessidade em correção de rumos.

Observações gerais:

- O curso de Bacharelado em Ciências Humanas, a exemplo dos bacharelados nos Institutos em outras áreas, representa uma inovação pedagógica e institucional, o que apresentar-se-á como um desafio para que a Universidade pense na renovação de seu Regulamento acadêmico de Graduação (RAG) para atender estas novas modalidades.
- Em alguns casos, o Colegiado analisará casos omissos, inclusive á luz da dinâmica de desenvolvimento do curso.
- Após a implantação do curso, o colegiado definirá as atividades que poderão ser validadas para o Programa de Flexibilização Curricular (no caso de disciplinas cursadas com dois ou três créditos, para complementação de carga horária) e de aproveitamento das mesmas.

3 – A ESTRUTURA CURRICULAR – ESQUEMA GERAL

3.1 – Quadro Geral

FORMAÇÃO		Períodos				
		1	2	3	4 *	5
As Humanidades como Campo de Conhecimento (disciplina geral)	4					
MATÉRIAS						
Filosofia e Ciência da Religião	16					
Tempo e Espaço	16					
Sociedade e Cultura	16					
Letras e Artes	16					
Formação Científica	8					
ATIVIDADES ESPECÍFICAS						
Área de concentração (CRE,CSO FIL,TUR)	20					
Atividades (seminários, conferências, trabalhos, iniciação científica) ***	Até 8					
Trabalho conclusivo ****	200 horas					

3.2 - Disciplinas ou vagas ofertadas ao Bacharelado:

MATÉRIA: FILOSOFIA E CIENCIA DA RELIGIÃO

Disciplina	Depart.	Turma ou Vaga
1. ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO	CRE	TURMA
2. ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA 1	FIL	TURMA
3. ESTUDO COMPARADO DAS RELIGIÕES 1	CRE	TURMA
4. ESTUDO COMPARADO DAS RELIGIÕES 2	CRE	TURMA
5. ÉTICA1	FIL	TURMA
6. FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO	CRE	TURMA
7. FILOSOFIA DA RELIGIÃO 1	CRE	TURMA
8. FILOSOFIA DA RELIGIÃO 2	CRE	TURMA
9. HISTÓRIA DA FILOSOFIA I	FIL	TURMA
10. HISTÓRIA DA FILOSOFIA II	FIL	TURMA
11. HISTÓRIA DA RELIGIÃO	CRE	TURMA
12. INTRODUÇÃO A FILOSOFIA	FIL	TURMAS (2)
13. PSICOLOGIA DA RELIGIÃO	CRE	TURMA
14. SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO	CRE	TURMA

MATÉRIA: SOCIEDADE E CULTURA

Disciplina	Depart.	Turma ou Vagas
1. ANTROPOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS	CSO	TURMA
2. ESTRATIFICAÇÃO, GRUPOS E PODER	CSO	TURMA
3. VIDA URBANA, GLOBALIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL	CSO	TURMA
4. INDIVÍDUO, CULTURA E INTERAÇÕES	CSO	TURMA
5. ESTUDOS CULTURAIS	CSO	TURMAS (2)
6. TRAJETÓRIAS DA MODERNIDADE E O PENSAMENTO POLÍTICO	CSO	TURMA
7. TEORIAS E SISTEMAS PSICOLÓGICOS	PSI	VAGAS
8. DIMENSÕES DA HOSPITALIDADE	TUR	TURMA
9. INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA	CSO	TURMA
10. SOCIOLOGIA – HISTÓRIA, TEMAS, ATUALIDADE	CSO	TURMA
11. ECONOMIA, SOCIEDADE, INSTITUIÇÕES	CSO	TURMA
12. FUNDAMENTOS DO LAZER	TUR	TURMA- 90
13. PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS	TUR	TURMA
14. AS TEORIAS DA DEMOCRACIA	CSO	TURMA
15. ESTADO E SOCIEDADE NA TEORIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA	CSO	TURMA
16. PARENTESCO, FAMÍLIA, PESSOA E GÊNERO	CSO	VAGAS
17. PSICOLOGIA GERAL E EXPERIMENTAL III	PSI	VAGAS
18. PSICOLOGIA GERAL E EXPERIMENTAL IV	PSI	VAGAS
19. PSICOLOGIA E CULTURA	PSI	TURMA
20. PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO I	PSI	TURMA
21. PSICOLOGIA SOCIAL III	PSI	VAGAS
22. PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE II	PSI	TURMA
23. PSICOLOGIA E SAÚDE	PSI	VAGAS
24. POLÍTICAS PÚBLICAS EM TURISMO	TUR	TURMA – 90
25. POLÍTICA SOCIAL E PSICOLOGIA	PSI	VAGAS
26. O BRASIL: SUAS EXPLICAÇÕES, INTERPRETAÇÕES E EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS NA LEITURA DA TEORIA SOCIAL	CSO	TURMA
27. TÓPICOS ESPECIAIS DE POLÍTICA	CSO	TURMA

MATÉRIA: TEMPO E ESPAÇO

Disciplina	Depart.	Turma ou Vagas
1. INTRODUÇÃO A CIÊNCIA GEOGRAFICA	GEO	TURMA
2. DESENVOLVIMENTO LOCAL E SUSTENTABILIDADE	TUR	TURMA - 90
3. FORMAÇÃO TERRITORIAL DO BRASIL	GEO	TURMA
4. FUNDAMENTOS DO TURISMO	TUR	TURMA – 90
5. FUND. DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO	TUR	TURMA – 90
6. GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO	GEO	TURMA
7. SEMINÁRIO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA	HIS	TURMA
8. HISTÓRIA DA ÁFRICA	HIS	TURMA
9. SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL I	HIS	TURMA
10. SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL II	HIS	TURMA
11. MOBILIDADES CONTEMPORÂNEAS	TUR	TURMAS (2)
12. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL	GEO	TURMA
13. TURISMO, CONSUMO E COMUNICAÇÃO	TUR	TURMA
14. TURISMO E GLOBALIZAÇÃO	TUR	TURMA

MATÉRIA: LÍNGUAS E ARTES

Disciplina	Depart.		Turma ou Vagas
1. PORTUGUÊS (REDAÇÃO)	LET		TURMAS (2)
2. PORTUGUÊS XI	LET		VAGAS
3. TEORIA DA LITERATURA	LET		VAGAS
4. ESTUDOS LITERÁRIOS	LET		VAGAS
5. PRÁTICA DE GÊNEROS LITERÁRIOS	LET		VAGAS
6. LITERATURA BRASILEIRA I	LET		VAGAS
7. LITERATURA BRASILEIRA II	LET		VAGAS
8. LITERATURA BRASILEIRA III	LET		VAGAS
9. LITERATURA PORTUGUESA I	LET		VAGAS
10. LITERATURA PORTUGUESA II	LET		VAGAS
11. LITERATURA PORTUGUESA III	LET		VAGAS
ARTES E DESIGN *			
1. MATÉRIA – ATIVIDADES CULTURAIS	ARTES	-	VAGAS
2. MATÉRIA - SEMIÓTICA	ARTES	-	VAGAS
3. MATÉRIA - HISTÓRIA DA ARTE E ESTÉTICA	ARTES	-	VAGAS
4. MATÉRIA - HISTÓRIA TEORIA E CULTURA	ARTES	-	VAGAS
5. MATÉRIA - INTEGRAÇÃO CRÍTICA DAS ARTES	ARTES	-	VAGAS
Disciplinas de universalização – instrumentais			
1. ESPANHOL INSTRUMENTAL I	UNIVERSALIZ		TURMA
2. ESPANHOL INSTRUMENTAL II	UNIVERSALIZ		TURMA
3. ESPANHOL INSTRUMENTAL III	UNIVERSALIZ		TURMA
4. INGLÊS INSTRUMENTAL I	UNIVERSALIZ		TURMA
5. INGLÊS INSTRUMENTAL II	UNIVERSALIZ		TURMA
6. INGLÊS INSTRUMENTAL III	UNIVERSALIZ		TURMA
7. FRANCÊS INSTRUMENTAL I	UNIVERSALIZ		TURMA
8. FRANCÊS INSTRUMENTAL II	UNIVERSALIZ		TURMA
9. FRANCÊS INSTRUMENTAL III	UNIVERSALIZ		TURMA

*** O IAD poderá ofertar variadas disciplinas por semestre dentro de sua concepção de matérias, ou seja, a cada semestre são abertas disciplinas por “área”, sempre com vagas para o Bacharelado.**

MATÉRIA: FORMAÇÃO CIENTÍFICA

Disciplina	Depart.	Turma ou Vagas
1. ESTATÍSTICA	EST	TURMA
2. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	CSO	TURMA
3. LEITURAS ETNOGRÁFICAS	CSO	TURMA
4. FILOSOFIA DA CIÊNCIA I	FIL	TURMA

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALMEIDA FILHO, Naomar. *Univerisidade Nova – Textos Críticos e Esperançosos*. Salvador: EDUFBA, 2005.
- ARRIGHI, Giovanni. *O Longo século XX*. São Paulo: Contraponto, 2006.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- CASANOVA, Pablo Gonzalez. *As Novas Ciências e as Humanidades*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- FOUCAULT, MICHEL. *As Palavras e as Coisas*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- ROUANET, Sergio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo. Cia das Letras, 1987.
- RIBEIRO, Renato Janine. *Humanidades – Um Novo curso para a USP*. São Paulo: Edusp, 2001.
- SENNET, Richard. 2006. *A Cultura no Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Rumo a Uma Ciência Pós Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. *Semear Outras Soluções*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.
- SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- Voice of the Shuttle – web site for humanities research*. <http://vos.ucsb.edu/> (acesso em fev./2008).
- WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. Mexico: Fondo de Cultura, 1985.